

O QUE QUE É O “QUE”?

Data de aceite: 23/11/2023

Ligianne Barbosa Rosa de Oliveira
(UFS)

1 | PALAVRAS INICIAIS

Este artigo é parte da dissertação de mestrado em desenvolvimento e provisoriamente intitulada “O que o ‘que’ sinaliza?”, vinculada ao Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL), da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Embora a dissertação trate das relações retóricas estabelecidas pelo *que*, aqui delimito a análise da multifuncionalidade do *que*, comparando a abordagem desse elemento linguístico entre gramáticas e dicionário.

Diversos termos na Língua Portuguesa possuem múltiplos significados ou funções, uma característica perceptível ao consultar um dicionário convencional. Um exemplo emblemático disso é a palavra *que*, conforme constatado no Houaiss, acessível na plataforma online da UOL, onde ela figura como pronome, conjunção,

advérbio e preposição. Ao consultar diferentes gramáticas, como as de Bechara (2019), Neves (2011) e Castilho (2014), é possível encontrar diversas classificações para essa palavra, variando de acordo com a função que desempenha na oração e as relações que estabelece entre as partes de um texto. Essas relações desempenham um papel crucial na construção de um texto coeso.

Bechara (2019) destaca que um exame minucioso revela que essa palavra conecta palavras de naturezas e funcionalidades diversas, baseando-se em critérios categoriais, morfológicos e sintáticos misturados, sendo os distintos significados (lexical, categorial, instrumental, sintático ou ôntico) o fator distintivo entre eles. Identificar a classificação e a função desempenhada pelas palavras é fundamental para compreender as relações estabelecidas por elas em um texto.

Para Bechara (2019), a presença da conjunção “que” é uma marca de subordinação oracional. O “que”

frequentemente indica a conexão de orações, sugerindo relações de subordinação. No entanto, para identificar o tipo específico de subordinação e as relações estabelecidas, é necessário observar outras pistas. O autor exemplifica com a seguinte frase:

(1) O caçador percebeu que a noite chegou.

Bechara (2019) afirma que a marca do processo de subordinação que fez com que uma oração independente funcionasse como parte de outra oração é a conjunção integrante “que”. Além de iniciar orações subordinadas substantivas, o “que” também pode encabeçar orações adjetivas e adverbiais.

Como evidenciado, durante a leitura de um texto, é possível identificar marcadores que oferecem indícios sobre o tipo de relação entre as partes do texto. Dada sua multifuncionalidade, o “que” pode estabelecer diversas relações entre essas partes, e determinados elementos fornecem pistas sobre o tipo de relação estabelecida. Nas orações subordinadas adverbiais, por exemplo, Bechara (2019) destaca que o “que” aparece sempre acompanhado por uma preposição, formando uma locução conjuntiva, como no exemplo:

(2) Trabalhou afincadamente [para que tivesse uma velhice tranquila]

Nesse exemplo, a oração entre colchetes é a subordinada adverbial introduzida pela locução conjuntiva “para que”. Observar as preposições que acompanham o *que* pode ser uma maneira eficaz de identificar a relação entre a oração adverbial e a principal, como no exemplo citado, onde a preposição “para” formando uma locução conjuntiva com o *que* indica uma finalidade.

Durante minha trajetória como professora de Língua Portuguesa, tanto no Ensino Fundamental quanto no Ensino Médio, e também na experiência como docente em cursos preparatórios para concursos, passei a observar o papel proeminente da palavra *que* em diversas situações. Isso se tornou evidente, especialmente em questões de provas de concursos, ao ponto de exigir, muitas vezes, a elaboração de aulas destinadas a demonstrar e ensinar a identificação das várias funções do *que* e as relações semânticas e sintáticas que ele estabelece entre as orações.

Ao explorar as inúmeras possibilidades de estabelecer relações semânticas por meio de um único conectivo, surgem questões relevantes que não serão totalmente discutidas ao longo deste texto, mas que podem nortear novas pesquisas:

- Como o destinatário do discurso consegue interpretar as variadas relações estabelecidas pelo *que* em cada contexto, dado que ele desempenha diversas funções?
- Quais outros elementos que, ao se unirem a esse conectivo, contribuem para a construção da coerência textual, fornecendo pistas de interpretação ao destinatário do discurso?

Essas indagações abrem espaço para uma reflexão mais aprofundada sobre o modo como o uso versátil da palavra *que* influencia a compreensão do discurso e como outros

elementos interagem para criar uma unidade coesa no texto, orientando o destinatário na interpretação das relações semânticas estabelecidas.

O meu objetivo aqui é fazer um comparativo entre as funções do *que* estabelecidas por algumas gramáticas (BECHARA, 2019; NEVES, 2011; CEGALLA, 2005) e as estabelecidas pelo dicionário Houaiss on-line.

21 O QUE NO DICIONÁRIO HOUAISS ON-LINE

São vários os usos do *que*. Somente no dicionário Houaiss On-line¹, é possível identificar seis entradas para essa palavra, o que mostra uma diversidade de relações que uma única palavra pode ajudar a estabelecer.

- Pronome

Pronome relativo: substitui nome, pronome ou oração

(3) <átomo, que significa indivisível, já não pode ser entendido assim>

Pronome interrogativo: em frases interrogativas, diretas ou indiretas, em referência a pessoas ou coisas

(4) <que significa esse rabisco?>

Pronome indefinido: em frases exclamativas

(5) <que coisa estúpida!>

- Conjunção

Conjunção subordinativa: introduz orações subordinadas adverbiais e substantivas

(6) a. <é necessário que se esclareça a questão>

b. <fez-lhe um sinal que se calasse>

Conjunção coordenativa: liga orações por coordenação

(7) <limpa que limpa, esse banheiro continua infecto>

- Advérbio: exprime intensidade; quão

(8) <que bela foi aquela noite!>

- Preposição: senão, salvo, exceto

(9) <não tem outros afazeres que os domésticos>

- Substantivo masculino: representação de algo (fato, coisa etc.) indeterminando, indefinindo; alguma coisa

(10) <há um q. difícil de definir nessa questão>

- Interjeição: expressa espanto, perplexidade, impaciência, contrariedade, raiva, admiração etc.

(11) <- Quê?! Impossível! Jamais aceitará tal disparate! >

¹ Disponível em: < https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-1/html/index.php#1 > Acesso em: 30 de julho de 2023

A multiplicidade de funções atribuídas à palavra “que”, conforme apresentado acima, pode ocasionar desafios na classificação desse elemento linguístico e na compreensão do texto. Em uma pesquisa conduzida por Duran, Oliveira e Scandarolli (2022, p. 01) com o propósito de discutir a policategorização da palavra “que” e subsidiar decisões sobre sua anotação no esquema Universal Dependencies para o projeto POeTiSA, as autoras constataram que, durante a anotação de corpus, a palavra funcional “que” foi a que mais apresentou ambiguidade. Isso se deve ao fato de que ela se enquadra em diversas classes morfossintáticas, uma complexidade explicada pela origem da palavra, que representa a convergência da evolução de diferentes palavras latinas com distintas funções (Duran, Oliveira, Scandarolli, 2022).

As autoras destacam que o uso do “que” na função de preposição é pouco reconhecido entre os gramáticos, ilustrando com o exemplo: “Não queirais dos livros outra unidade que a do seu espírito”. No qual, segundo Duran, Oliveira, Scandarolli (2022), o “que” pode ser substituído pela preposição “exceto”. Além disso, apontam o emprego do “que” como advérbio, ressaltando que esse advérbio se diferencia dos demais da classe por não modificar verbos, mas apenas adjetivos e alguns advérbios, como exemplificado em: “Que lindo!”. Essas categorizações se alinham com as definições apresentadas pelo dicionário consultado.

3 | O QUE NAS GRAMÁTICAS

3.1 Pronome *que*

Conforme Bechara (2019), a classe de palavras denominada pronome abrange unidades em número limitado e se refere a um significado léxico, relacionado à organização do mundo extralinguístico por meio das línguas, seja pela situação ou por outras palavras do contexto. O autor também destaca que os pronomes fazem referência a um objeto substantivo, considerando-o apenas como uma pessoa localizada no discurso.

Bechara (2019) categoriza os pronomes em diferentes tipos, incluindo pessoais, possessivos, demonstrativos, indefinidos, interrogativos e relativos, sendo que, nas gramáticas analisadas (Bechara, 2019; Neves, 2011; Cegalla, 2005), o pronome *que* é apresentado como relativo, indefinido e interrogativo.

Os pronomes relativos, de acordo com Neves (2011), são termos que introduzem uma oração de função adnominal, ou seja, uma oração adjetiva. Ela destaca que o pronome relativo ocupa na oração a mesma posição que seria ocupada pelo constituinte que ele representa. Destaca-se o seguinte exemplo retirado de Bechara (2019, p. 187):

(12) a. Eu sou o freguês que por último compra o jornal.

Separando as orações, teríamos:

(12) b. Eu sou o freguês.

c. O freguês compra o jornal por último.

O sintagma nominal (SN) “o freguês” representa o sujeito do verbo “compra”. Na oração “que por último compra o jornal”, o pronome *que* desempenha a função de representar o SN “o freguês”, ocupando a posição desse sintagma. Assim, *que* assume a função sujeito nesse contexto. Esses pronomes geralmente referem-se a um termo anterior chamado antecedente (Bechara, 2019). Além disso, Bechara (2019) acrescenta que o pronome relativo *que* desempenha dois papéis gramaticais: além de referir-se ao termo antecedente como pronome, funciona também como transpositor de oração originalmente independente para adjetivo, exercendo a função de adjunto adnominal desse mesmo antecedente; adicionalmente, o relativo sempre exerce uma função sintática, correspondendo à função do termo que ele substitui na oração (Bechara, 2019).

Bechara (2019) não categoriza o *que* como um pronome indefinido propriamente dito, mas como parte de locução pronominal indefinida, um grupo de palavras que desempenha a função de um pronome indefinido. As principais locuções constituídas pelo *que*, conforme mencionadas por Bechara (2019), incluem “quem quer que”, “o que quer que” e “quanto quer que”.

O *que* também é utilizado como pronome interrogativo, empregado em perguntas diretas ou indiretas, como exemplificado por Bechara (2019, p. 186):

(13) O *que* será feito dele?

Esses interrogativos frequentemente derivam dos pronomes indefinidos, sendo chamados comumente de indefinidos interrogativos. Eles também aparecem em exclamações, nesse caso, o *que* adquire um sentido intensivo, como em:

(14) Que susto levei!

Nas gramáticas analisadas (Bechara, 2019; Neves, 2011; Cegalla, 2005), há consenso em relação ao *que* como pronome. Isso significa que esse elemento linguístico, na função de pronome, possui uma definição clara e não suscita dúvidas quanto ao seu uso. Essa conclusão é reforçada por Duran, Oliveira & Scandarolli (2022), que afirmam que há concordância nas classificações do *que* entre os autores de todas as gramáticas e dicionários que citam, sendo considerado pronome indefinido e pronome relativo, introduzindo orações adjetivas (Duran, Oliveira & Scandarolli, 2022, p. 02). A seguir, exploraremos o “que” em sua função de conjunção.

3.2 Conjunção *que*

Conjunção é uma das classificações do *que*. A conjunção é definida como “uma palavra invariável que liga orações ou palavras de uma mesma oração” (Cegalla, 2008, p. 689). Essas palavras têm a missão de reunir orações em um mesmo enunciado e se dividem em dois tipos: coordenadas e subordinadas (Cegalla, 2008; Neves, 2011; Bechara, 2019). As conjunções fazem parte de um grupo de palavras que pertencem à esfera

semântica das relações e processos, agindo especificamente na junção dos elementos do discurso, indicando o modo pelo qual as porções de texto se conectam (Neves, 2011). O *que* como conjunção é tratado de maneira mais explícita nas gramáticas, com exemplos e explicações mais detalhadas do que o *que* na função de pronome.

De acordo com Bechara (2019), as conjunções coordenativas unem orações que pertencem ao mesmo nível sintático, consideradas independentes uma da outra e, portanto, podem aparecer em enunciados separados. Koch (1995) esclarece que as orações independentes e, portanto, coordenadas são aquelas que, embora estejam no mesmo período, não desempenham um papel sintático dentro uma da outra, ou seja, não há “encaixe” no interior de uma matriz (oração principal). Essas orações podem se relacionar por meio de conjunções coordenativas.

Neves (2011) destaca que essas conjunções funcionam como sequenciadores, constituindo uma evidência da dimensão textual do funcionamento dos itens gramaticais. Bechara (2019) identifica três tipos de conjunções coordenativas: aditivas, alternativas e adversativas. Ele afirma que esses tipos variam conforme o significado com que envolvem a relação entre as unidades que conectam. No entanto, Cegalla (2008) acrescenta mais dois tipos às coordenadas: as conclusivas e as explicativas.

Cegalla (2008) dedica um tópico específico à conjunção *que*. A seguir, são apresentadas exemplificações do *que* como conjunção coordenativa (Cegalla, 2008, p. 294):

(15) a. Esfrega **que** esfrega, mas a nódoa não sai.

b. Apressemos-nos, **que** chove.

Em (15a), o *que* assume o papel de uma conjunção coordenativa aditiva, indicando que as unidades que conecta estão marcadas por uma relação de adição, como afirma Bechara (2019). O autor destaca que existem apenas dois conectores aditivos (*e*, *em*), mas a relação de adição estabelecida pelo *que* é clara; basta substituí-lo pela conjunção “*e*”, como demonstra Cegalla (2008), e o valor semântico se mantém:

(15) c. Esfrega **e** esfrega, mas a nódoa não sai.

Em (15b), o *que* atua como uma conjunção coordenativa explicativa, visto que, conforme Cegalla (2008) exemplifica, essas conjunções precedem uma explicação ou motivo. Essa relação é confirmada ao substituir o “*que*” pelo “*porque*”:

(15) d. Apressemos-nos, **porque** chove.

As conjunções subordinativas, segundo Bechara (2019), transpõem orações subordinadas ao nível de equivalência de um substantivo capaz de exercer, na oração complexa, uma das funções sintáticas que têm o substantivo como núcleo. Para Cegalla (2008), as conjunções subordinativas ligam duas orações, subordinando uma à outra.

Koch (1995) define as orações subordinadas como aquelas que se encaixam numa oração matriz (principal), desempenhando na matriz a função sintática do constituinte no lugar do qual se opera a inserção, funcionando assim como argumentos ou adjuntos. O *que*

pode realizar esse encaixamento, desempenhando a função de conjunção subordinativa ao introduzir argumentos.

A seguir, apresentam-se exemplos do *que* como conjunção subordinativa conforme Cegalla (2008, p. 294):

(16) a. Diga-lhe **que** não irei.

b. Tanto se esforçou **que** conseguiu vencer.

Em (16a), o *que* introduz uma oração que funciona como objeto direto do verbo disse; como o objeto tem como núcleo um substantivo, trata-se, então, de uma oração subordinada substantiva na qual o *que* tem o papel de conjunção integrante. Em (6b), é possível notar que “conseguiu vencer” é consequência do esforço; portanto o *que* se apresenta como uma conjunção subordinativa adverbial consecutiva.

Além de o *que* aparecer sozinho como conjunção, também pode formar locuções conjuntivas. Neves (2011) retrata as locuções conjuntivas, das quais a maioria é composta pelo *que*. Bechara (2019) apresenta as principais conjunções e locuções conjuntivas numa lista, separando-as de acordo com as relações que elas estabelecem.

Muitas conjunções não têm classificação única, imutável, devendo, portanto, ser classificadas de acordo com o sentido que apresentam no contexto (CEGALLA, 2008, p. 294). Ao folhear as gramáticas aqui mencionadas, é possível ver que o *que* pode aparecer sozinho ou unindo-se a outras palavras de classes variadas, formando locuções conjuntivas que, assim como o *que*, podem estabelecer mais de uma relação, e perceber essas relações pode não ser uma tarefa tão simples. Algumas marcas podem dar pistas para que o destinatário do discurso identifique que uma oração introduzida por *desde que* é temporal, causal ou condicional.

O fato de haver conjunções e locuções conjuntivas que podem ser classificadas de diferentes maneiras aguça a curiosidade de alguns estudiosos (VOGT, 1976; DURAN, OLIVEIRA, SCANDAROLLI, 2022), que buscam analisar o comportamento dessas conjunções. Vogt (1976), inspirado pelas pesquisas de professores de francês e de matemática, investigou o comportamento das conjunções *porque*, *pois* e da locução conjuntiva *já que*. O autor compara as definições da Moderna gramática portuguesa, de Bechara (1964), sobre as conjunções coordenativas explicativas e as subordinativas causais. Vogt (1976) afirma que a distinção entre os dois tipos de conjunção não é absolutamente clara e os critérios utilizados para tanto, por serem apenas indicativos de intuições possíveis. O autor ainda acrescenta que a confusão no português é ainda maior por causa da possibilidade de uma mesma realização formal — *que*, *porque* — para as duas funções.

4 | PALAVRAS FINAIS

Em gramáticas e trabalhos acadêmicos consultados, o *que* aparece como pronome

e como conjunção, além de formar variadas locuções conjuntivas classificadas de acordo com as relações sintático-semânticas que estabelecem. No dicionário, o *que* surge também como advérbio, preposição, além de pronome e conjunção. Os usos do *que* como advérbio e como preposição apresentados pelo dicionário Houaiss On-line deixam evidentes essas classificações. Em “que bela foi aquela noite!”, é possível notar a circunstância de intensidade introduzida pelo *que*, típico de advérbios.

Já como pronome, há uma afinidade maior nas classificações dadas por gramáticos e pelo dicionário. Como conjunção e locução conjuntiva, as gramáticas entram em consenso quando se trata de conjunções subordinativas, no entanto o *que* como conjunção coordenativa, entre as gramáticas analisadas, encontramos apenas na de Cegalla (2005). As variadas classificações do *que* resultam no uso desse elemento linguístico em diversas construções sintáticas. Pode-se notar aqui que o *que* não é tão simples quanto aparenta e merece uma atenção especial.

REFERÊNCIAS

BECHARA, Evanildo, 1928 – **Moderna gramática portuguesa** / Evanildo Bechara. – 39. ed., rev. e ampl. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

CASTILHO, Ataliba T. de. **Nova gramática do português brasileiro** / Ataliba T. de Castilho. – 1. ed., 3a reimpressão – São Paulo: Contexto, 2014.

CEGALLA, D. P. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**. – 39. ed. – São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

DURAN, Magali Sanches; OLIVEIRA, Heloísa de; SCANDAROLLI, Clarissa. **Que simples que nada: a anotação da palavra que em corpus de UD**. In: Proceedings. 2022.

HOUAISS ON-LINE. Disponível em: < https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-1/html/index.php#1 > Acesso em: 30 de julho de 2023

KOCH, Ingedore G Villaça. **A articulação entre orações no texto**. Cad. Est. Ling., Campinas (28) 9-18, Jan/Jun. 1995.

LIMA, Rocha. **Gramática normativa da língua portuguesa** / Rocha Lima. 49.ed. - 49.ed. - Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

MATEUS, M.H.M et al. **Gramática da Língua Portuguesa**. Caminho Lisboa, 2003.

NEVES, M. H. de M. **Gramática de usos de português** – 2. ed. – São Paulo: Editora Unesp, 2011.

PERINI, M. A. **Gramática Descritiva do Português**. São Paulo: Editora Ática, 2005.

VOGT, Carlos. **Indicações para uma análise semântica argumentativa das conjunções porque, pois e já que**. Alfa: Revista de linguística, 1976.